
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



V.13. N. 26. Mai./Ago./ 2019 p. 279-298

ISSN: 2237-0315

**A indiferença em foco: um olhar pedagógico
Indifference in foco: a pedagogical look**

João Batista Pereira Silva
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA
Marabá-Pará-Brasil

Resumo

Este artigo aborda a temática da indiferença em alguns de seus aspectos, como uma manifestação humana que permite e até fomenta situações bem conhecidas entre nós, tais como o individualismo, a autossuficiência, a arrogância, o isolamento, a xenofobia, os preconceitos de toda ordem etc. A abordagem proposta tem um caráter filosófico e pedagógico. Pretende suscitar questionamentos e reflexões de ordem existencial e ao mesmo tempo servir como indicativo para pistas de ação, suscitadas a partir do reconhecimento de lacunas abertas ou incompletas subjacentes à ação do indivíduo em seu contexto. É uma reflexão que se apresenta sobretudo no universo ontológico, abordando a questão da indiferença do homem com o próprio *ser homem* e suas consequências mais significativas.

Palavras-chave: Indiferença, Inquietação, mudança.

Abstract

This article addresses the issue of indifference in some of its aspects, as a human manifestation that allows and even fosters well-known situations well known among us such as individualism, self-sufficiency, arrogance, isolation, xenophobia, prejudices of all kinds etc. The proposed approach has a philosophical and pedagogical character. It seeks to raise questions and reflections of an existential order, and at the same time serve as indicative of clues of action, raised from the recognition of open or incomplete gaps underlying the individual action in its context. It is a reflection that is given above all ontological universe, addressing the question of the indifference of man with the very being of man and its most significant consequences.

Keywords: Indifference, restlessness, change.

1.Introdução

O comportamento humano é complexo e intrigante. Não se pode compreendê-lo por completo, porém é mister lançar-se na aventura de investigar muitos de seus aspectos, na medida em que uma necessidade epistemológica bate à nossa porta. O ser humano, ao longo dos séculos sempre foi objeto de intermináveis questionamentos. É a indagação socrática do “*Conhece-te a ti mesmo*” que sempre nos acompanha. Qual seria a origem e o destino dos humanos? Quais os pressupostos de sua ação? Quais são suas maiores inquietações? O que aspira? O que almeja quando faz escolhas profundas? O que pensa sobre outro? Qual o seu lugar no mundo? O ato de refletir sobre tais questionamentos e muitos outros, encontra ressonância no vasto campo da filosofia, da sociologia, da psicologia, da antropologia, entre outros. Este trabalho deseja refletir à luz da filosofia, sobre a atitude humana chamada indiferença e sua implicação objetiva no exercício do viver, entendendo sempre que tal atitude pode – é da dinâmica própria do indivíduo - sofrer avanços e retrocessos. Deseja-se, pois, que o fio condutor desta reflexão seja um espírito de curiosidade, para fazer o movimento de percepção dos elementos impregnados no eu interior, onde a pessoa poderá enxergar-se em maior profundidade. Contudo, como se sabe, a ação do indivíduo gera repercussão no âmbito coletivo. A sociedade é, por assim dizer, a soma de todas as atitudes humanas. A sociedade é o retrato de todos nós. Somos esse tecido social costurado com o rosto de cada um.

Neste trabalho, abordando o comportamento humano, sua relação interior, e sua repercussão exterior, deseja-se aprofundar duas atitudes – chamemos assim - que, em linhas gerais, contam um pouco da história do indivíduo. O primeiro é o comportamento da *indiferença*, como o ato ou efeito de quem ignora a realidade do outro – o qual dedicamos boa parte desta reflexão; o segundo é o comportamento da *inquietação*, que significa uma provocação interior eclodida pelo contato pragmático com realidade do outro. Nessas atitudes, identificamos, *a priori*, elementos que desenharam traços de nós mesmos. No aprofundamento delas, é provável que se obtenha melhores subsídios capazes de ampliar o entendimento e sobretudo provocar mudanças. Sempre advertindo da limitação que todos temos em compreender o universo de questões que nos dizem respeito, e ao mesmo tempo, convidando à ousadia de saber mais sobre nós mesmos.

Arendt (2007) vai nos explicar que o homem, dada à sua condição, jamais poderá explicar o complexo sentido de sua existência. Neste sentido, ela traz à luz o pensamento de Agostinho, nas Confissões, que indagava “a questão que me tornei para mim mesmo”. A mais dedicada e rebuscada reflexão não supera esse dilema. No entanto, mesmo sem superá-lo, refletir se faz necessário para que se crie condições de reivindicar outros caminhos. Isso é o mais importante. Fazer isso significa dar uma oportunidade para nós mesmos. Significa abrir uma janela de possibilidades de sermos o que ainda não conseguimos ser. Reivindicar outros caminhos é também reconhecer-se incompleto, inconcluso, inacabado, e portador de um enorme potencial de transformação.

Contudo, não há o que se falar em outros caminhos ou em mudança, sem ter como ponto de partida a compreensão acerca do atual estado que a pessoa se encontra. Neste particular por óbvio, há de se considerar toda a história do indivíduo, a cultura, os valores construídos, as referências etc. Como se faz isso? O endereço da resposta está na investigação honesta sobre si mesmo. Questionar-se para constatar – mediante um olhar introspectivo e corajoso - e questionar o mundo - numa atitude firme e coerente. Vale muitíssimo a pergunta: o que é ser indiferente? A indiferença não seria, pois, uma atitude difusa e cristalizada na sociedade da qual fazemos parte e, portanto, irremediavelmente sem solução? Estaremos nós, pois, adormecidos na atitude da indiferença - ainda que em maior ou menor grau – sendo dela sempre reféns? A depender do enraizamento de determinadas atitudes indiferentes, não conseguiremos modificá-la?

Na verdade, em termos de atitude humana, a aposta será sempre na real possibilidade de reconstrução. A aposta é que, mesmo com elaborado nível de solidez no conjunto de atitudes de indiferença de uma pessoa, haverá sempre a possibilidade de reversão, haverá sempre uma oportunidade de fazer de outra maneira, de lançar um novo olhar, de desenhar um novo cenário. Tal possibilidade implica em ação. E agir não é tarefa fácil. A ação eficaz passa necessariamente pela compreensão do sentido da própria ação. Compreender o sentido e natureza desta ação é fundamental. No pensamento de Arendt (2007), ação é um atributo que pertence à natureza humana e somente a ela. Esta ação apontada como única atividade diretamente exercida entre os homens. Por ser complexa e exclusiva dos humanos, por carregar todo um potencial transformador em seu bojo, a ação humana torna-se indispensável. Portanto, não se

poderia colocar nas mãos de mais ninguém, a não ser do próprio homem, a responsabilidade pela escolha de seu próprio destino.

Ao ser humano torna-se imperativo o desafio de olhar com mais profundidade para atitudes empreendidas e suas consequências, na busca de enxergar nelas uma melhor definição e sentido. Isso leva-o necessariamente à aventura de autoconhecer-se, algo extremamente necessário e salutar, pois tal ato, despindo-se de falsos conceitos ou ilusões acerca de seu próprio "eu", é pressuposto para o próprio crescimento. Sabendo onde o sujeito se encontra, o que de fato o identifica e qualifica, permitirá que decida com liberdade e consciência sobre o que deseja tornar-se. E mais: a liberdade para escolher deverá estar sempre vinculada à compreensão das consequências da escolha.

2. O fenômeno da indiferença

A indiferença sempre existiu, no entanto, neste momento histórico nomeado de pós-modernidade - identificado com rápidas e profundas transformações na economia, na política, na cultura, na vida privada, nas artes, nas mídias, nos produtos do pensamento, nas relações sociais e interpessoais, nas relações de trabalho etc. - esse fenômeno tende a agravar-se. Olhemos um pouco o passado para tentar compreender melhor o presente. No passado dos grandes filósofos gregos, como Aristóteles, Sócrates e Platão, existia uma profunda preocupação com a compreensão do ser. Suas ações, sua natureza, suas aspirações, seus significados. A natureza do homem devia voltar-se para o bem e para o belo. Naquele momento, enquanto pensavam sobre a natureza do homem e das coisas, ainda assim, mantinham serviçais sobre seu jugo – escravos, cuja natureza e dignidade não se cogitava discutir. Incoerência? Ao fim da Idade Média, *Maquiavel*ⁱⁱ aponta a natureza do homem declinada para o mal. O homem na visão de Maquiavel, revela-se perverso. Neste sentido, portanto, não haveria motivo de se esperar nele atitudes de altruísmo e bondade. Esse filósofo, trabalha uma concepção de homem baseado em situações da própria experiência. Como falar que o homem é bom, se ele, por ganância, por sede de poder, se lança as mais terríveis guerras? Como defender um homem com nobreza de atitudes, se este homem não se incomoda em escravizar seu próprio semelhante a fim de que este o sirva como senhor absoluto? Como conceber um homem inclinado para o bem comum, se ele busca seus próprios interesses em detrimento dos demais? Como categorizar o *ethos* de homem, se este se corrompe facilmente ante a possibilidade de aferir um lucro ou uma vantagem tentadora? Olhando

tudo isso, torna-se inegável a percepção de uma filosofia sombria acerca do homem. Hoje, no mundo pós-moderno, olhamos mais do que em qualquer outro tempo, um arcabouço de ações humanas capazes de desfigurar sua própria identidade. A humanidade parece padecer em um descrédito sem precedentes na história. O que falar da crise da instituição familiar? O que falar da maioria das instituições políticas? O que falar do capitalismo e seus apelos de consumismo e acúmulo de bens desenfreados? O que falar das utopias do socialismo, ora desgastadas pelo tempo? O que falar das negociatas do mundo corporativo, que por sua vez gerenciam impérios ao redor do planeta em detrimento da miséria e suas periferias? O que falar da fome no mundo confrontada com as grandes safras do agronegócio? O que falar da pobreza diante dos lucros vultuosos dos grandes bancos nacionais e internacionais? São questões vivenciadas em nosso tempo e que convidam ao debate, são reflexões que não podem ser procrastinadas, sob pena de nos perdermos num universo de superficialidades. São questões que precisam fazer parte de nossa mais urgente agenda humana.

Vivemos hoje um remanescer de aflições num *salve-se quem puder* indefinido. É neste mundo conturbado e difícil de compreender, que nós vivemos. É nesta realidade que percebemos que a indiferença entre outras atitudes, alimenta e satisfaz as pessoas, protegendo-as com o véu do consumismo e ao mesmo tempo as consumindo! As pessoas adotaram a indiferença como uma armadura para defender-se do outro! O outro tornou-se como uma ameaça aos seus planos egoístas e muitas vezes despidos de qualquer margem de pudor. Hoje, atitudes de bondade, honestidade e altruísmo são vistos com espanto e tratados como exceção. Que mundo é esse? É como se o mal fosse o comum e o bem o incomum. O individualismo e o consumismo reforçam todas as atitudes de indiferença que tendemos a adotar em relação ao semelhante. Então podemos nos perguntar: onde se encontraria o bem? Onde estão guardados os valores mais nobres de nossa humanidade? A resposta pode estar dentro de nós mesmos. Se não a encontrarmos, o que nos restará, afinal? Se a resposta está dentro de nós mesmos, temos que parar de procurar inadvertidamente em endereços estranhos aos nossos.

Importante aqui evocar o pensamento de Agostinho (2005), em sua obra “A Natureza do Bem”ⁱⁱⁱ, quando vai dizer que o bem é um atributo da natureza, e para que algo seja considerado bom é necessário antes de tudo existir. Num sentido antropológico, Agostinho defende que o bem faz parte da natureza do homem que fora

chamado à existência e que o mal significa a corrupção de sua natureza. Isso poderá ajudar a iluminar esta reflexão, no sentido de compreender que de fato guardamos dentro de nós a preciosa prerrogativa do bem. Isso nos poderia parecer confortável a priori, afinal, se o bem subsiste em nós e em nossa natureza, não bastaria deixar fluir? Porém esta mesma natureza humana, lembra Agostinho na citada obra, é portadora do livre arbítrio. Ou seja, o homem é livre para fazer escolhas e de fato as faz. Contudo, ao escolher um caminho renunciará a muitos outros. E sempre terá sob seus ombros o resultado de suas escolhas.

3. A pessoa indiferente

A pessoa indiferente é, antes de tudo, um egoísta. Egoísmo e indiferença são como irmãos siameses, duas faces de uma mesma moeda: o indiferente, no contexto das relações, se retroalimenta em seu próprio egoísmo. O egoísta veste a roupagem protetora da indiferença. Esse comportamento de indiferença é extremamente desfavorável na configuração do caráter da pessoa e naturalmente um mal para a coletividade. Para a pessoa indiferente, a situação do outro, por mais difícil que seja, nada lhe diz, nada sensibiliza, nada provoca. Nenhuma dor, nenhum remorso, nenhum constrangimento. A dor do outro, o sofrimento, as mazelas humanas são apenas relatos sem importância alguma. No universo da indiferença, a pessoa, dependendo do papel que exerça, pode provocar sérios danos à pessoa do outro. No mundo do trabalho, o indiferente age da seguinte forma: se é um advogado indiferente, a sua indiferença o faz ignorar a pessoa do mais fraco, ou seja, do pobre que precisaria de um auxílio jurídico, afinal o que tal pessoa poderá lhe render? Se é um médico indiferente, será capaz de tratar a dor e a morte do paciente – seu semelhante – com tal banalidade, que lembraria a enigmática frieza estudada por Arendt (1999) sobre o oficial nazista *Eichmann*^{iv}. Se for um religioso indiferente, será capaz de tratar as "ovelhas" apenas em razão da obtenção de vantagens e conquistas pessoais. Se for um empresário indiferente ou alguém que tenha uma função de poder sobre outras pessoas, sua personalidade indiferente o fará pisar em seus subordinados, tratando-os como objeto. O empregado torna-se um número de uma enorme lista de produtividade. Se é um político indiferente, a coisa ganha dimensões ainda piores: o indiferente, neste contexto, apropria-se do direito do outro com chicanas e ilicitudes as mais deploráveis, em favor de si próprio e em

detrimento de centenas, milhares ou milhões daqueles os quais só lhe interessa a aprovação traduzida pelo voto, a qual lhe confere poder.

Como vemos, o indiferente vai trilhando um caminho sombrio e degradante em relação ao outro, pois o outro torna-se objeto de sua indiferença. Um outro aspecto desta mesma realidade, é que a pessoa do indiferente, também se faz indiferente em relação a si mesmo, pois na medida que nega e descarta o outro, ele fere sua própria natureza e dignidade, mergulhando cada vez mais numa busca agonizante e doentia de autossatisfação. Não lhe cabe espaço para o diálogo consigo mesmo. Não se permite um olhar verdadeiro sobre si. Ao mesmo tempo, se refugia em suas torpes, ou ao menos, deturpadas convicções.

4. A vítima da indiferença

Quem ainda não foi objeto de alguma forma de indiferença? É possível prever que todos nós, de uma forma ou de outra, em determinados momentos da vida, já passamos por situações onde nos ignoraram. Já vivenciamos a experiência de não ser percebido ou considerado. Como classificamos ou descrevermos esta sensação? Sabemos que não é boa. Sabemos que nos causa desconforto, indignação, por vezes. Trazer à baila o sentimento em nós experienciado parece ser fundamental para entendermos nossa própria e atual forma de tratar o outro. Se conhecemos o sabor amargo da indiferença, por que adotamos por vezes, uma atitude semelhante com relação ao próximo? Muitos de nós sem medo de errar, vitimam pessoas todos os dias com mecanismos sofisticados de indiferença. Mas quem de fato é a maior vítima da indiferença? A resposta reside sobretudo no âmbito social. Quanto mais sem recursos, sem escolaridade, sem vestes “adequadas”, sem dignidade o indivíduo se apresentar, mais estará sujeito a golpes de indiferença. Tomemos algumas situações como exemplo: quantas vezes ignoramos o vendedor de balas no trânsito, quantas vezes nos incomodamos com o indivíduo que deseja limpar o vidro do carro por algumas moedas? Quantas vezes não estendemos a mão para segurar uma foto desgastada ou um velho papel impresso a retratar a miséria de uma pessoa? Quantas vezes criticamos entidades que lutam por interesses de determinado grupo sem ao menos conhecer suas razões e sua história? Aqui poderíamos elencar muitos exemplos, sem entrar na questão das causas etc., porque não é esta a proposta. Porém, os exemplos citados, nos bastam para entender que temos arraigados em nós uma predisposição para a indiferença. Essa tendência, se fortalece na medida que

insistentemente contribuímos para disseminar em nós e nos outros, aquela ideia de que não mudaremos o mundo, pois não somos causadores dos infortúnios de quem quer que seja. Esse discurso geralmente se apresenta carregado de superficialidade e nele subjaz certamente algum grau de preconceito aliado ao descompromisso com a causa do outro.

A pessoa, que é vítima da sua indiferença objetiva e subjetiva, sente na pele toda demanda de dificuldades as quais o torna cada vez mais sucumbido em sua situação. Faz-se necessário um exercício de pensar na realidade do outro com olhos de humanidade. E olhar com olhos de humanidade significa tirar as lentes embaçadas dos preconceitos e avaliações deturpadas sobre a pessoa do outro. Dito de outra forma, é preciso investir num processo de reeducação do olhar sobre nós mesmos e sobre o “outro”, como lembra Gomes (2006). E mais que isso, é necessário exercitar a empatia, essa habilidade que podemos desenvolver de enxergar a partir do outro. Na expressão grega *Empatheia*, precisamos “entrar no sentimento” do outro, mergulhar em sua realidade. Essa ação carrega em seu bojo uma potencial capacidade de gerar um movimento de mudança. Pois enxergando o mundo a partir da perspectiva do outro, a pessoa terá condições reais de rever sua própria conduta.

Quantas atitudes de indiferença poderiam ser evitadas, se antes de fazê-las, as pessoas adotassem o exercício de colocar-se o lugar do outro. Isso parece ser retórico e de sentido bastante óbvio, porém, na prática significa desinstalar-se. Renunciar a rotinas geradoras de afastamento e bloqueio do outro ser humano. Ao colocar-se no lugar do outro, a pessoa será capaz de perceber sua própria realidade de uma outra forma. Será capaz de entender que muitos dos conceitos que cultiva acerca do outro, são apenas frutos de sua própria superficialidade.

5. Reconhecendo a indiferença como um mal

Quem tem uma tendência para atitude de indiferença, ou a cultiva como hábito, se buscar compreender a motivação disto, se passar a questionar seus pressupostos, num dado momento, vai percebê-la como um mal. E uma atitude ou um conjunto de atitudes más, não dialoga com seu oposto. A pessoa, no entanto, é titular de suas decisões. É ela quem transporta consigo o poder de decidir sobre quais atitudes deverá abraçar, assumindo as consequências de suas escolhas. A realidade da escolha do bem ou do mal é caminho decidido por cada pessoa. Importante dizer que vivemos uma forte tendência de relativizar conceitos, sobretudo com a modernidade e pós-modernidade. As pessoas

querem usar de eufemismos e falácias para opinar sobre o *bem* e o *mal*^{iv}, colocando dúvidas e ambiguidades sobre conceitos bem distintos. Neste sentido, expressões de indiferença, posicionados como sinais subjetivos de toda uma postura individualista e egoísta, podem fazer parecer como algo não tão mal. O sujeito subtrai o direito de outro, cuja vida não lhe interessa - e o faz por puro oportunismo – e ainda se auto avalia como um sujeito esperto. Nesse particular, a pessoa que ele ignorou, quer seja negando-lhe o direito ou imprimindo-lhe um grande desprezo, torna-se objeto de sua atitude maldosa. Esse particular pode servir de guia para ampliar o conceito da indiferença como um mal. Note-se que um suposto bem que quero para mim próprio, só se torna de fato um bem, quando não se constitui em um mal para o outro. Se algo é agradável para mim, porém de alguma forma prejudica o outro, trata-se de um mal. Pois não há algo que faça parte da natureza do bem, na expressão de Agostinho (2005), que eu deseje para mim, que não seja também um bem para o outro. Acontece que muitas vezes podemos defender algo aparentemente legítimo, mas que no fundo está vinculado ao prejuízo de alguém, o que o faz ilegítimo, inadequado, incorreto. O mal que se pratica por atitudes de indiferença traz consequências de toda ordem e ganha espaço na pessoa e no meio que o cerca.

Precisamos entender que a indiferença se nutre não só do que é mal, que por sua vez desconfigura a essência do que é do bem, mas também daquilo que reconhecemos como neutro. Eis um grande perigo: pensar que atitudes sendo ‘neutras’, não fazem nem bem e nem mal, portanto podem ser praticadas. Não. De fato, o que não se determina como um bem, facilmente poderá encontrar o mal em dado momento. Por tais questões, torna-se urgente que se reconheça o teor das atitudes, que as qualifiquemos, que as possamos lançar uma compreensão objetiva. Se enxergamos na indiferença um mal para o outro e para si, poderemos nos munir de ferramentas que nos permitam um necessário afastamento. O olhar criterioso e curioso para as realidades da vida, a busca sempre atenta e a serviço da verdade, serão capazes de treinar nossa capacidade de autodefesa. O caminho quanto mais criterioso for para alcançar o que é correto, mais seguro se fará para combater as escolhas indevidas ou incorretas.

6 A banalidade do mal como alimento da indiferença

Hoje é oportuno refletir sobre a quantidade de más notícias que se recebe através dos canais de comunicação todos os dias. Desregramentos de toda ordem nos agredem a cada instante. Os jornais nos contam histórias escabrosas de violência, de agressões, de crimes dos mais variados estilos. Em meio a este festival de horrores, vez por outra surge alguma notícia boa. Algum fato virtuoso foi noticiado, algum ato decente foi registrado e apresentado aos espectadores já desalentados por tanta indecência. O que está acontecendo? O mundo está demolindo mesmo? Preciso dizer algo importante: o que acontece de bom – e acontece muita coisa – não tem o mesmo impacto que o que acontece de mal. Para o mal, as grandes manchetes, para o bem, nas notinhas diluídas no jornal. Tentam nos fazer “acostumar” com o mal. E isso por certo, pode alimentar em grande medida a nossa indiferença.

Ao lançar um olhar introspectivo, por óbvio haverá de causar espanto a ideia de conviver com ações humanas torpes, cínicas e de indiferença, e nelas encontrar algum grau de normalidade. Certamente esse caminho é o pior de todos! É disseminando a indiferença, é acreditando na banalização do que é pernicioso, do que é nefasto, que afundaremos por completo. Não podemos nos conformar com discursos falaciosos! Não podemos achar normal alguém abrir a boca e alimentar preconceitos contra quem quer que seja! Não podemos afiançar pessoas que adotam a cultura de morte! Não podemos aplaudir a violência! Arendt (1999) faz um diagnóstico interessante sobre o que ocorre conosco quando encaramos o mal com ares de normalidade. Ela defende que a *banalidade do mal*^{vi} está associada à ação do homem que é incapaz de pensar. Em outras palavras, quando não exercemos nossa faculdade de pensar, de nos questionar sobre as ações que somos capazes de praticar, nos tornamos reféns da banalização do próprio mal que nos assola.

Um caminho para exorcizar toda sombra de banalização do mal, passa pela atitude de reflexão ativa, que seja capaz de levar a um compromisso pessoal com o que é justo, decente, honesto, virtuoso. Um caminho revestido de coragem para renunciar à indignidade dos pequenos e grandes delitos; um caminho de obstinação, para lapidar nossos valores pessoais; um caminho de alteridade, para enxergar no outro, uma parte de si mesmo; um caminho de solidariedade, para o gesto simples de estender a mão a quem precisa; um caminho de teimosia, para perseguir o sonho de um mundo melhor. Um caminho de amor, para enobrecer nossa existência. Como seres inacabados, e no

dizer de Arendt (2007), “nos refazendo continuamente”, precisamos nos desafiar. Hoje é momento mais que oportuno para colocar nossos talentos a serviço do bem. Hoje é momento mais que perfeito para fazer criar iniciativas promotoras do bem comum. Como anda nosso trabalho no âmbito da coletividade? Como está nossa participação nas coisas que dizem respeito a todos? Qual nossa bandeira reivindicatória? Qual o exemplo que estamos dando a quem está próximo de nós? São questões necessárias para quem deseja fugir da armadilha de encarar o outro como se não fizesse parte também de nós.

7. Um recorte da indiferença

O tema da imigração pode nos servir como exemplo para uma reflexão contextualizada. A imigração é assunto polêmico sobretudo na Europa, provocando inúmeras discussões e divisões, aliadas ao avanço de partidos de extrema direita, que defendem leis anti-imigração usando a crise econômica como principal motivação.

Segundo um levantamento do *Portal G1*^{vii} em junho de 2015, estavam fora de seus locais de moradia até o final de 2014 por motivos como conflitos, violação de direitos humanos e perseguições, violência, pobreza, cerca de 59,5 milhões de pessoas. Entre 2013 e 2014, o crescimento foi de 8,3 milhões de pessoas e representou o maior aumento já registrado em um ano. A maioria dos 59,5 milhões de deslocados, refugiados e requerentes de asilo são crianças. Este volume é o maior que o registrado desde a Segunda Guerra Mundial. Nos últimos anos, a Europa recebeu a maioria dos refugiados no mundo, que deixam suas terras para escapar principalmente de conflitos, como a guerra civil na Síria e na Líbia, ou de graves dificuldades econômicas. Diariamente, barcos com imigrantes sofrem naufrágios e acidentes, provocando a morte de incontáveis pessoas. Ryan Schroeder, da Organização Internacional para Imigração deixa claro que, com algumas notáveis exceções, há no momento falta de liderança e vontade política para lidar com os desafios da imigração. Em outras palavras, tornaram-se indiferentes. E o que dizer da imagem do menino sírio *Aylan Kurdi*, afogado em uma praia turca, em um naufrágio, chamando a atenção do mundo todo para a grave crise vivida pelos refugiados que buscam abrigo na Europa? *Ryan Schroeder*^{viii} da Organização Internacional para Imigração, naquele momento, faz uma fala enfática sobre o descaso político com que o tema continua sendo tratado.

A realidade da crise humanitária, vivida no drama da imigração, deveria provocar em nós uma crise pessoal, um despertar pleno de humanidade e, portanto, tornando-nos

verdadeiramente sensíveis à realidade do outro. Deveria mexer com nossos arquétipos em profundidade e destruir toda e qualquer espécie de armadura que nos impede de sermos verdadeiramente humanos. A crise humanitária é um grito de socorro dos pobres face às desigualdades construídas ao redor do mundo. O olhar da indiferença parece bloquear todos os nossos sentidos. Nos tornamos surdos e não escutamos os gritos de sofrimento, nos tornamos mudos e não falamos da indecência dessa realidade, nos tornamos esquizofrênicos e não compreendemos que isso diz respeito a cada um de nós.

8. A cultura da indiferença

Como já foi explicitado, parece cristalizar, nos dias de hoje, uma forte inclinação para a indiferença. As pessoas mergulham em seu trabalho, em seus projetos pessoais, em seu pequeno mundo, e já não querem saber mais sobre a realidade do outro. O cuidado com a humanidade que há no outro, que aqui se poderia traduzir em solidariedade, parece não ter mais sentido algum. Por que isso acontece? Qual a razão para vivermos um tempo tão difícil? Será que está em nossa natureza essa realidade tão marcante dos dias de hoje? A cultura da indiferença está ligada ao empobrecido pensamento que circula no universo do senso comum, dando conta de que o homem tem uma natureza subjugada pelo mal. Isso a priori nos ajudaria a entender que a cultura da indiferença está ligada ao descrédito do ser humano para com ele mesmo. A pessoa apela para a normalidade de vivermos isolados e indiferentes para o outro, como um estilo de vida. É um grande equívoco! Estamos mergulhados numa crise ética, moral e humana. E entre os motivos desta crise, está o desprezo pelos valores mais significativos, está o desprezo pela vida da pessoa! Isso é algo preocupante. Preocupante porque no embate entre atitudes de natureza boa e má, com suas distintas consequências, nos rendemos muitas vezes às armadilhas do mal. Seguimos buscando o caminho da indiferença. Preferimos ignorar o outro do que se comprometer com ele. Preferimos fingir que não é com a gente, do que assumir nossa parcela de responsabilidade. A cultura da indiferença encontra combustível eficaz no pensamento individualista, cujo conteúdo carrega atitudes que levam ao proveito pessoal em detrimento do outro. O outro só é percebido, quando dele se pode explorar algo, caso contrário, torna-se descartável. Essa maneira de ver a pessoa como uma ponte para sua própria ascensão, como um degrau que pode ser pisado para chegar ao topo, transforma o outro em objeto. Essa cultura da indiferença manipula o ser humano, negando-lhe os atributos

oferecidos pelo próprio Criador. Neste sentido só há um caminho para o partidário e/ou seduzido por essa cultura: entender que tal cultura é perniciosa e degradante, compreender que o homem não fora criado para ser objeto manipulável de quem quer que seja, que o homem não pode ser ignorado por sua condição. Ao contrário, pela sua própria condição, o homem precisa ser respeitado em sua liberdade e dignidade. O indiferente precisar olhar dentro de si mesmo e perguntar qual a razão de tudo isso. O indiferente enfim precisar ser desafiado e confrontado em sua própria ação. Os fundamentos de sua indiferença precisam ser abalados com o exercício do pensamento. Arendt (1999), como já foi dito, apontou o caminho para fugir da *banalidade do mal* – aqui traduzido na indiferença – com a prerrogativa do pensamento. O pensamento, a reflexão, carrega consigo a força capaz de combater a indiferença exatamente pelos frutos que pode produzir. Nesse caminho, o sujeito indiferente vai experimentar o novo em si, algo que nunca havia deixado emergir. A isso chamaremos de inquietação - eis um passo significativo!

9. Sobre a inquietação

Para que haja inquietação, para que um gatilho fundamental seja disparado dentro de nós, para então poder enxergar à nossa frente o que antes não seria possível, precisamos de descortinar em nossa realidade objetiva e consciente, a parte oculta de nossa personalidade, qual seja, nossa *sombra*^{ix}. E nossa sombra é algo sutil, que inelutavelmente habita em nós e que por vezes tememos e muitas vezes negamos. ABRAMS (1991). É a síntese das atitudes ora reprováveis que empreendemos. E para combater o mal que nutrimos em nós é necessário entender que ele existe tal como uma sombra, e que a depender de nossas escolhas, poderá ganhar espaços gigantescos em nossas vidas.

Necessitamos, pois, renunciar ao mal que potencialmente pode coabitar em cada um de nós - em contraponto com o bem que é nossa verdadeira essência - primeiro aceitando sua impertinência e depois, como dissemos anteriormente, reconhecendo-o como um mal. Mas não é tão simples assim. Ocorre que, antes de renunciar a algo que é compreendido como um mal, podemos nos deparar com resistências externas e sobretudo internas, as quais se constitui num grande obstáculo para se praticar o verdadeiro bem. Por muitas vezes, o que é mal, tem uma aparência boa. Muitas vezes o prazer, a satisfação pessoal, o dinheiro, o poder nos entorpece a ponto de querermos

encontrar no que é mal, ‘atributos do bem’. Isso se constituiu num grande perigo. Libertar-se do fantasma do entorpecimento, isto é, ver no que ‘aparentemente’ pode nos fazer um bem, como um mal ou ao menos uma ponte para o mal, é absolutamente necessário. A propósito, a inquietação que nasce em nós é fruto dessa compreensão. Em outras palavras, só nos inquietamos quando conseguimos confrontar em nós os valores das atitudes do bem e do mal. Se nunca nos inquietamos, é sinal que o mal pode nos ter corrompido a consciência, maculado nossa essência, que em última análise, seria a voz do Criador dentro de nós.

Pelo pressuposto do livre arbítrio, apontado por Agostinho (1973), somos capazes de calar em nós a voz do Criador. Se nada gera em nós inquietação, certamente algo está demasiado errado conosco. Se nada for capaz de sacudir nossas estruturas internas, deveríamos ficar preocupados. Podemos estar num processo sombrio e degradante. A sombra que há em nós, pode estar nos dominando, embora ainda possa haver tempo e possibilidade de reversão. Contudo, se buscamos ouvir nossa consciência, se procuramos comparar valores e neles buscar uma melhor compreensão, necessariamente vamos nos deparar com inquietações. E isso é muito bom e necessário. Na medida que cresce em nós a inquietação diante de atitudes as quais começamos a enxergar como más, estaremos, pois, saindo de uma zona de conforto, desarticulando uma acomodação interior há tempos instalada em nós. Neste exercício seremos capazes inclusive de rever o que configuramos como nossa *hierarquia de valores*^x. Passaríamos, portanto a questioná-la, dando-lhe a oportunidade de reconstruí-la com coerência. Isso é particularmente importante, pois, a inquietação, dependendo da forma de como a trabalhamos dentro de nós, poderá nos levar a uma ruptura. Mas o que significa isso? Significa exatamente romper com um estado dentro de nós mesmos. Significa, pois, uma mudança de rota, a abertura para viver a experiência de tomar um caminho diferente, inédito, nos abrindo novas e incríveis possibilidades de nos tornarmos melhores.

10. Os frutos da inquietação

Agostinho (1973), no Livro das Confissões, expressa uma inquietação. Não como algo fugaz ou imediato, mas algo que se foi revelando aos poucos. A inquietação de Agostinho, foi muito além de questionar ações, mas sobretudo de ir às raízes de cada uma delas. É importante compreender que a inquietação é um processo que pode ser explorado ou reprimido. Explorar significa aprofundar os elementos que a provocaram,

reprimir significa desconsiderá-los ou escondê-los. Contudo, o caminho necessário e não menos laborioso é ir ao encontro da inquietação, numa atitude de quem deseja apropriar-se de tudo o que o cerca e o identifica.

Inquietar-se pode significar olhar-se no espelho e questionar-se sobre sua essência, sua identidade, seu papel no mundo. E uma maneira bastante pedagógica de fazer isso é olhando as consequências de nossas ações. Quando pensarmos em nossa história de vida, nossos erros e acertos, nossas grandes decisões, nossas fugas, nossas incongruências, nossas ousadias, poderemos então nos perguntar: afinal, o que resultou de cada caminho traçado? Quem foi impactado com o que fizemos ou escolhemos? As respostas poderão nos dar muitas e valiosas pistas sobre nós mesmos. E mais, teremos ferramentas necessárias para agir com covardia ou coragem. Agir com covardia significa renunciar ao potencial de mudança que há em todos nós. Tudo o que somos capazes de realizar no tempo que temos disponível será desperdiçado, pois não ousamos ter coragem para mudar. Agir com coragem é o outro lado. Agir com coragem é para todos, mas abraçado por poucos. Além disso, importante dizer que toda reforma intrínseca e extrínseca depende sobretudo de nosso esforço pessoal. Em outras palavras, está nas mãos de cada um a decisão de mudar e naturalmente a consequência da mudança. Necessário se fará sempre que o bem praticado seja conhecido para suscitar novas atitudes. O objeto construído pelas mãos de pessoas do bem, poderão servir de base para novas construções.

11. Da inquietação, o desafio da mudança

Em síntese, quando o sujeito, no âmbito de suas relações, revisitando seu passado, considerando sua história, questionando seu presente, segue numa trajetória de descoberta, quando os passos rumo ao autoconhecimento - por vezes penosos - são efetivamente dados, nasce como falamos, uma pessoa inquieta. E essa pessoa torna-se incapaz de lançar o mesmo olhar de antes. Nele emerge uma necessidade de agir de outra forma, de buscar outro caminho que não seja o da indiferença. Sua consciência o desafia a ser mais. Seu ser não se contenta com a superficialidade, mas deseja seguir o que de fato faça sentido. A pergunta que se fará segue na mesma direção de que a apontada por um notável sujeito chamado Viktor Frankl^{xi} (1987), ao dizer que o mais importante não é se perguntar o que esperamos da vida, mas sim, o que a vida espera de nós.

Qual caminho devemos tomar, quando o arenoso e estéril caminho da indiferença não mais servir? Não há um caminho, de fato, mas caminhos. E o primeiro deles é caminho da ruptura. Romper é antes de tudo mudar. Quando adotamos uma outra forma de pensar – essencialmente uma *metanóia*^{xii} – mudamos. Quando escolhemos novos caminhos a trilhar na vida profissional e pessoal, mudamos. Quando percebemos que o tempo presente pode ser aproveitado de outra forma, mudamos. Quando imaginamos o futuro como uma construção a qual seremos partícipes, mudamos. Neste sentido, vamos compreendendo que mudar é uma necessidade ontológica. Mudamos porque nosso ser homem está se configurando e se construindo para sermos o que ainda não somos. É o sopro *heraclitano* do eterno *vir-a-ser*^{xiii} que subsiste em cada um de nós!

Mudar significa romper com o que já está posto e buscar aquilo que ainda virá a ser constituído. Na vida, passamos por muitas etapas e cada uma delas segue nos marcando e nos redefinindo. Somos frutos de escolhas que conscientemente ou não, fazemos ao longo da vida. Ocorre que esta vida é dinâmica e como sabemos, está em contínua construção. Elabora-se e reelabora-se a experiência do viver. Permeia no universo do senso comum que as pessoas não mudam, ou mudam pouco. Ou seja, o sujeito sendo bom, haverá pouca chance de tornar-se mau, se é mau e pernicioso, poucas serão as chances de tornar-se bom. Ocorre que ao lançar um olhar investigativo sobre a trajetória de vida das pessoas, descobre-se que elas podem mudar. Modificam seu *modus vivendi* com o passar do tempo – isso não só é uma possibilidade, mas também é parte da condição humana. Uma pessoa pode adquirir valores elevados e assim tornar-se uma pessoa melhor, tanto quanto pode perder, dada à fragilidade, os que detinha como certa referência. Outro elemento provocativo importante nessa discussão é este: o que está dentro de nós de bom ou mau que ainda não foi relevado? Nossa condição ontológica nos remete a um potencial enorme de atualização do modo de viver. Contudo, nem sempre isso é claro para nós e nem sempre percebemos que estamos mudando e mais, que precisamos mudar.

Mudar, pois, é romper com uma estrutura estabelecida e toda ruptura é fruto de uma tensão, de um atrito, de um choque, de um desgaste, por assim dizer. Às vezes, de uma situação de grande dificuldade a qual todos nós estamos sujeitos num dado momento da vida, tiramos enormes lições de crescimento e mudança. Entretanto, dificilmente rompemos com algo que nos apresenta como agradável ou confortável.

Somos naturalmente resistentes à mudança. No pensamento de Zaltman e Duncan (1977), lutamos contra a conduta objetiva que possuímos para manter o *status quo* diante da pressão que nos impele à mudança. Tal resistência que temos se apresenta em diferentes dimensões da ação humana. Resistimos em abandonar velhos conceitos, resistimos na defesa de ideias desgastadas pelo tempo, resistimos na superação de paradigmas que já não respondem às nossas demandas atuais. Todavia, reiteramos ser uma necessidade ontológica - a mudança - que bate à nossa porta e nos convida à dança de boas-vindas ao novo que acabamos de conhecer.

Esse novo faz parte da dinâmica da vida, renovando, revitalizando, oxigenando e conferindo pleno sentido ao agir humano. Romper com estruturas internas, com arranjos estandardizados, com protocolos pré-definidos torna-se inelutavelmente necessário. No universo criado, nada está estagnado. O universo se expande, os dias renascem, as estações do ano se renovam, a humanidade segue uma trajetória de evolução. Nesse sentido podemos acreditar que cada pessoa pode e deve ser um agente *em e de* mudança. E a primeira é a pessoal. É a batalha que travamos conosco mesmos. Mudamos a nós mesmos e ao mesmo tempo, podemos contribuir na mudança do outro. Neste exercício de crescimento, todos podem ganhar. Quem foi capaz de mudar para melhor a partir do contato fraterno do outro, muito saberá contar sobre histórias de superação, solidariedade e alteridade.

12. À guisa de conclusão

Ao concluir essa reflexão faz-se necessário retornar ao ponto de partida, para lembrar que o agir da pessoa é fruto de uma série de variáveis. Agimos a partir das concepções que engendramos ao longo da vida, dos valores, de nossa história, da cultura, das referências etc. Todos estes elementos vão sendo configurados ao longo da vida. Nossa forma de ver o mundo e interpretá-lo depende da maneira como construímos esse processo. Depende dos ícones que juntamos, das conexões que fazemos, da busca ativa de descobrir e de entender. E nesse processo vamos criando conceitos, opiniões, adequados ou não, coerentes ou não. E mais, agimos de acordo com o que pensamos, defendemos com a prática, aquilo que de fato acreditamos. Porém, imperativo é não nos acomodar com o que achamos que sabemos, mas, ao contrário, evocando o pensamento de Arendt (2007), nos perceber inacabados, inconclusos e sempre no refazendo.

Necessário é repensar, reavaliar, aprofundar todos os elementos que dizem respeito a nós, seres humanos e nossas ações.

Uma vez não conformados com o que somos e pensamos, desejaremos então, ir mais além. Todas as pessoas têm essa capacidade de reação. Em outras palavras, por uma decisão pessoal, podemos ampliar nossa visão de mundo, questionar nossos conceitos, ampliar nossos valores, qualificar melhor nossa existência. Nesse sentido, expressões de natureza individualista e indiferente não encontrarão abrigo seguro em nós. Poderão, pois, dar o justo lugar à solidariedade e à humanização da pessoa. O egoísmo cederá lugar ao acolhimento, o conflito cederá lugar ao diálogo, o desprezo cederá lugar ao cuidado, o isolamento cederá lugar à construção coletiva.

O exercício do que aqui poderíamos chamar de *amor* - cujo sentido que aqui se deseja empregar vem da palavra grega *ágape*, relacionada à doação, à entrega, ao cuidado oferecido ao outro - passa necessariamente pela decisão. É decidindo amar que de fato, amamos. A decisão pelo amor é prova de humanidade. Ainda há de se acreditar no futuro da humanidade, não porque se adquire dia após dia, avanços tecnológicos notáveis nas ciências, na medicina, nas engenharias etc., mas sobretudo porque sabemos que nos quatro cantos do mundo, neste e em outros tempos, muitos decidiram e decidirão pelo amor. No dizer de Wojtyla (1982), o amor se constitui na realização mais completa das possibilidades do ser humano. Dessa forma quem decide pelo amor, encontra o verdadeiro sentido da vida. Quem o nega, nega a própria essência e a vida permanece carecendo de sentido. Quando decidimos pelo amor, ainda que na condição de aprendiz, fazemos valer nossa existência neste mundo. Não é tudo, porque tudo está sendo construído, mas já se faz um bom começo.

Referências

ABRAMS, Jeremiah e ZWEIG, Connie (orgs). **Ao encontro da sombra**. São Paulo; Cultrix, 1991.

ARENDT, Hannah. **A Condição humana**. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2007.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução José Rubens Siqueira São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AGOSTINHO Santo. **Confissões**. Col. Os pensadores. Trad. J. Oliveira Santos. Rio de Janeiro; Abril, 1973.

AGOSTINHO Santo. **A Natureza do Bem**. Trad. Carlos Ancede Nogue. São Paulo; Sétimo Selo 2005.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração, Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre, Sulina, 1987.

GOMES, Nilma Lino. “Diversidade cultura, currículo e questão racial. Desafios para a prática pedagógica”. In: ABRAMOWICZ, Anete, BARBOSA, Maria de Assunção e SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de uma antropologia filosófica. São Paulo; Paulos, 1980.

SANABRIA, J. **Axiología**. Ética. México: Porrúa, 2005.

WOJTYLA, Karol. **Amor e Responsabilidade**. São Paulo: Rei dos Livros, 1982.

ZALTMAN, G., DUNCAN, R. **Strategies for planned change**. New York: Wiley & Sons, 1977

Sobre o autor

João Batista Pereira Silva

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (2003). Pós-Graduado em Marketing Estratégico. Pós-Graduado em Metodologia de Ensino da Educação Superior. Área de interesse: Metodologias de Ensino, Filosofia da Educação, Avaliação Educacional e Formação de professores, tutoria em EaD. Atua como pedagogo na Unifesspa - Pró-Reitoria de Ensino e Graduação PROEG - Divisão de avaliação de cursos - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: jbatistapereira20@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9422-7334>

Notas

ⁱ “A questão que me tornei para mim mesmo”. ARENDT, em sua obra A CONDIÇÃO HUMANA (2007), cita o pensamento de Agostinho, na seara da indefinição da própria natureza do homem.

ⁱⁱ NICOLAU MAQUIAVEL. Filósofo, historiador, autor de O PRÍNCIPE. Ele vai refletir sobre as atitudes de grandes personalidades de sua época. Como fruto dessa experiência transportou para sua obra importantes elementos sobre natureza das ações humanas.

ⁱⁱⁱ A NATUREZA DO BEM. Obra de Agostinho, Santo. Trad. por Carlos Ancede Nogue (2005). Nesta complexa obra, Agostinho refuta a visão dualista dos Maniqueus, abordando a problemática do bem e do mal.

^{iv} Adolf Eichmann foi um dos principais responsáveis pela deportação e morte de milhões de judeus europeus durante o Holocausto. Hanna Arendt acompanhou seu julgamento em Jerusalém em 1961, e posteriormente lança a obra EICHMANN EM JERUSALÉM.

^v O BEM E O MAL. Superando a visão dualista de origem Maniqueísta. A defesa de Agostinho (sec. V) é que no sentido absoluto, o mal não existe, mas apenas como uma limitação do ser, uma imperfeição, ou ainda uma corrupção da natureza. Argumenta ainda que mal é o que vai contra a natureza. Inexiste enquanto ser. Tal como a escuridão que só se sobressai na ausência da luz. O Bem é a existência das coisas, é a perfeição do Criador. A escolha entre o bem e o mal se faz pelo livre arbítrio, reitera Agostinho.

^{vi} Sobre a *Banalidade do Mal*. ARENDT cunha este termo em sua obra EICHMANN EM JERUSALÉM, ao analisar cuidadosamente a personalidade de Eichmann. Um homem de aspecto comum, que fora capaz de organizar um massacre, mas sem apresentar sinais de insanidade ou arrependimento.

^{vii} PORTAL G1. Dados coletados neste portal. Disponível em <https://g1.globo.com> O acesso a esta matéria ocorreu em 18 de junho de 2015. Em síntese tratou de um levantamento dos principais indicadores no âmbito da imigração no contexto de 2015. Trazidos ao texto como apenas um recorte para contextualizar a indiferença atual.

^{viii} Ryan Schroeder, da Organização Internacional para Imigração (IOM), explica: “Com algumas notáveis exceções, há no momento uma falta de liderança e vontade política para lidar com os desafios da migração que a Europa é capaz de lidar”.

^{ix} SOMBRA. Expressão condizente está no livro intitulado AO ENCONTRO DA SOMBRA, de Abrams e Zweig (1991), a dizer que “o reconhecimento da sombra pode acarretar efeitos marcantes sobre a personalidade consciente. A própria noção de que o mal que vemos na outra pessoa talvez esteja em nós mesmos, pode provocar choques de intensidade variada dependendo da força das convicções éticas e morais. É preciso ânimo para não fugir ou ser esmagado pela visão da própria sombra. É preciso coragem para assumir a responsabilidade pelo próprio inferior”.

^x HIERARQUIA DE VALORES. Da axiologia. Hierarquizados, os valores se organizam no âmbito pessoal e social, e sua configuração ocorre a partir de inúmeras variáveis: cultura, história de vida, interação com o outro, educação, referências, etc. As ações humanas ocorrem a partir da estrutura hierárquica que fora construída e que pode ser reconstruída e/ou aprimorada ao longo do tempo.

^{xi} Viktor Emil Frankl. Nascido na Áustria, no início do século passado, foi médico psiquiatra, fundador da escola de logoterapia, a qual explora o sentido existencial do indivíduo e a dimensão espiritual da existência. Frankl enfrentou os horrores do holocausto nazista e dessa experiência apontou enormes lições de humanidade.

^{xii} METANÓIA. Do termo grego *metanoiein*. Dizendo respeito à transformação de caráter e num segundo momento e por extensão, implicando em novo olhar sobre a vida e a realidade.

^{xiii} VIR-A-SER. Para Heráclito de Éfeso, nascido por volta de 540 a.C., toda existência está em constante mudança ou transformação. A essa característica de constante modificação deu o nome de DEVIR.

Recebido em: 10/02/2019

Aceito para publicação em: 25/02/2019